

OCUPAÇÃO TERRITORIAL E AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO NORTE DO PARANÁ

TERRITORIAL OCCUPATION AND ECONOMIC CHANGES IN NORTHERN PARANÁ STATE, BRAZIL

NILTON MARQUES OLIVEIRA¹
LEANDRO ARAÚJO CRESTANI²
UDO STRASSBURG³

RESUMO: O objetivo deste artigo foi analisar o processo de ocupação territorial pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e as transformações econômicas decorrentes do cultivo do café entre as décadas de 1940 e 1960. A área de estudo compreende as Microrregiões de Londrina, Maringá, Apucarana, Cianorte e Umuarama. Utilizou-se de um ferramental metodológico exploratório, à guisa da literatura. Os principais resultados sugerem que a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná teve um papel importante no processo de ocupação da referida região, com pequenas e médias propriedades. Em relação ao processo de ocupação territorial, verificou-se um considerável aumento da população entre 1920 e 1960. As transformações econômicas ocorridas a partir do cultivo do café foram determinantes para a efetiva ocupação territorial do Norte do Paraná.

Palavras-Chave: Cafeicultura, Norte do Paraná, Povoamento.

ABSTRACT: This paper aimed to analyze the process of territorial occupation by Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (Improvements Company of Northern Paraná), Paraná State, Brazil, and the economic transformations with coffee culture from the 1940s to 1960s. The study area comprises the Microregions of the municipalities of Londrina, Maringá, Apucarana, Cianorte, and Umuarama. Exploratory methodological tools were used via literature. The main results suggest that the North Improvements Company of Paraná played an important role in the occupation process of related region with small and medium farms. In relation to territorial occupation process, it was observed a considerable increase in population from 1920 to 1960. The economic transformations occurred with coffee culture were decisive to the effective territorial occupation of Northern Paraná.

Keywords: Coffee Culture, Northern Paraná, Settlement

Sumário: 1 Introdução - 2 A formação da companhia melhoramentos do norte do Paraná - 3 A ocupação territorial do norte do Paraná - 4 As transformações econômicas do norte do Paraná - 5 Considerações finais – Referências.

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Toledo - PR. Professor de economia da Universidade Federal do Tocantins - UFT niltonmarques@uft.edu.br

² Doutorando em História Contemporânea na Universidade de Évora; Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (UNIOESTE); Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional (UNIOESTE); Professor da Faculdade Sul Brasil – FASUL. leandrocrestani@hotmail.com

³ Doutorando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Campus de Toledo, PR. Mestre em Controladoria e Contabilidade Estratégica (FECAP- SP), Professor do Curso de Ciências Contábeis da UNIOESTE/ Cascavel – PR. udo@udostrassburg.com.br

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo foi analisar o processo de ocupação territorial pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (C.M.N.P.) e as transformações econômicas com o cultivo do café entre as décadas de 1940 e 1960. A área de estudo compreende as Microrregiões de Londrina, Maringá, Apucarana, Cianorte e Umuarama.

A justificativa se deu em virtude que estas Microrregiões se destacaram pelas rápidas transformações populacionais, sócias e econômicas. Essas transformações econômicas foram causadas pela expansão da cafeicultura; onde se deslocaram milhares de migrantes vindos de todas as partes do país e, inclusive, do exterior.

O processo de ocupação territorial do Norte do Paraná, e em especial do Norte Novo e Novíssimo, decorreu-se da expansão da lavoura cafeeira, intercalada por culturas de subsistência. Posteriormente o café foi perdendo a sua preponderância, cedendo lugar às culturas temporárias e, em algumas áreas às pastagens. (IPARDES, 1985)

A ocupação de uma determinada região não é algo mecânico que ocorre entre um polo de expulsão e outro de atração. Surge e se desenvolve num contexto social historicamente determinado. A migração de um indivíduo não chega a ser um fato sociológico, mas quando se depara com milhares de pessoas migrando numa determinada direção, como foi o caso do Norte do Paraná, está-se diante de um fato sociológico cuja explicação se encontra no estudo das mudanças estrutural tanto nacional quanto internacional. (SINGER, 1973; GRAHAM, DOUGLAS e HOLLANDA FILHO, 1984)

Assim, a definição do território tem sua origem etimológica do termo que deriva do latim *terra* e *torium*, com significado de terra pertencente a alguém. No entanto, não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas à sua apropriação. O conceito de território pode assumir uma dimensão afetiva, segundo renda, raça, religião, sexo, idade. Para Haesbaert (1997), Bourdier (1989); Barbosa (1998); Sposito (2000) os conceitos de território vinculam-se aos sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares.

Produzindo a idéia de pertencimento, ou seja, produzindo a territorialidade que se refere ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas que garantem a apropriação e a permanência no território.

O território visto assim, refere-se a um espaço social definido, ocupado e utilizado por diferentes grupos sociais com sua prática de territorialidade ou o campo de força exercitado sobre o espaço pelas instituições dominantes. Neste caso este espaço Norte do Paraná ocupado pelo cultivo da cafeicultura, tendo como ordenamento territorial a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Segundo Sposito (2004), há várias concepções de território que servem como “porta de entrada” para a discussão desse conceito. Não é intenção detalhar cada uma delas. O enfoque que Sposito (2000, 2004) dá sobre o conceito de território, diz respeito à territorialidade e sua apreensão, mesmo que sua abordagem carregue forte conotação cultural. A territorialidade, neste caso, pertence ao mundo dos sentidos e, portanto da cultura, das interações cuja referência básica é a pessoa e sua capacidade de se localizar e de interagir-se com a comunidade local.

O processo de ocupação territorial envolve, dessa maneira, pessoas de todas as classes e liga-se à formação e expansão de mercados. Os migrantes concorrem para o mercado que os atrai, com capitais que são investidos, com habilidades técnicas ou educacionais, ou apenas com sua força de trabalho. (CAMARGO, 1960)

A colonização do norte paranaense se deu em função do interesse de expansão da cafeicultura, houve incentivos do Governo Federal, no período, para ocupação dessa fronteira agrícola, bem como para a produção cafeeira. Nesse contexto destaca-se o papel da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná na colonização do norte paranaense. (VERRI, 1998)

Verri (1998) cita algumas características da colonização, como: i) organização em pequenas e médias propriedades (principalmente no norte novo e novíssimo) cultivadas a partir da produção familiar; ii) facilitação nas formas de pagamento da terra e o planejamento de uma rede de cidades que atendessem às necessidades da população rural; iii) fertilidade do solo, terra roxa (nitossolo), propiciando grande produtividade aos cafeeiros; iv) pagamentos da propriedade parcelados e pagos com a produção do café.

A concepção de fronteira agrícola na visão de Martins (2009) é o desencontro entre diferentes grupos sociais que juntam e se separam entre a esperança por um pedaço de chão, ou o destino trágico, a morte. É dessa forma que posseiros, indígenas, missionários, colonos e capitalistas tramam seus destinos pela luta da posse da terra, marcado pelos caminhos e pelos descaminhos.

A ocupação das fronteiras agrícolas dos estados brasileiros destacam-se as figuras proeminentes ou grupos sociais, que, desbravando um território selvagem e despovoado, teriam construído a civilização no espaço recém-conquistado, mas, no entanto isso não aconteceu dessa forma idílica. (MARTINS, 2009)

Fronteira, também, é um lugar de esperança, no advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura. Onde se podia ter uma vida com novas perspectivas, almejando um futuro promissor, para o sustento de sua família. Fronteira pode ser compreendida como um local que oferece ao país novas perspectivas, como crescimento econômico, soluções de problemas sociais e, principalmente domínio de território. (CRESTANI, 2013)

Utilizou-se de um ferramental metodológico exploratório, à guisa da literatura, entendida como caminho ou procedimento de reflexão e análise necessária para a articulação do corpo conceitual (ou teoria) com a realidade de investigação.

Isto posto, este artigo está dividido em quatro partes, além desta introdução, a seguir apresenta-se a formação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Na segunda discute-se a ocupação territorial do Norte do Paraná. Na terceira parte é feita análise das principais transformações econômicas verificadas no Norte do Paraná. Por fim, as considerações finais sumarizam o artigo.

2 A FORMAÇÃO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DO NORTE DO PARANÁ

Em 1924, estiveram no Brasil, a convite do Governo Brasileiro, técnicos ingleses que iriam estudar a situação financeira, econômica e comercial do Brasil, com vistas de um lado, à consolidação da nossa dívida para com a Inglaterra e de outro, à reformulação do nosso sistema tributário. A missão dos técnicos ingleses foi chefiado por Lord Montagu, e tinha como assessor o Lord Lovat, que fora incumbido de pesquisar e aplicar seu capital no cultivo de algodão para suprir a demanda da indústria têxtil inglesa. (FERREIRA, 1996)

Com a visita desta missão ao Brasil, surgiu a convergência de interesses que iriam resultar no grande empreendimento colonizador do Norte do Paraná; de um lado Lord Lovat, em busca de informações sobre a nossa agricultura e de terras adequadas para o algodão; de outro lado, os fazendeiros do norte velho, liderados pelo Major Barbosa Ferraz e por Antonio Ribeiro dos Santos, que procuravam por

investidores estrangeiros na aplicação de capitais necessários à continuação das obras da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná. (DIAS, 1999)

Lord Lovat foi para São Paulo em 1924, tendo viajado pelo Norte do Paraná, ficou admirado com a fertilidade da terra roxa e com os resultados ali obtidos nas lavouras de algodão. Outro fato atrativo para a formação da companhia foram as glebas de terras férteis que o Governo do Estado do Paraná oferecia à venda por preços muito baixos, decorrentes da inexistência de transporte na região. (FERREIRA, 1996)

Com o prolongamento da estrada de ferro, que garantia aos compradores o escoamento de seus produtos e a valorização das áreas adquiridas poderia tornar-se muito lucrativo um empreendimento de colonização agrícola. Tais argumentos influenciaram Lord Lovat e dariam origem à ideia que iria consolidar-se na fundação da Companhia de Terras Norte do Paraná. (IPARDES, 1979, 1983, 1985)

A empresa foi instituída em 24 de setembro de 1925, com um capital de 1.460.000 libras, em ações e 375.000 libras, em obrigações. Seu primeiro gerente administrativo foi Arthur Thomas e o primeiro presidente da companhia foi Antonio Moraes Barros, estes tomavam as decisões para estrutura-la e iniciar suas atividades. (C.M.N.P., 1975)

De início suas atividades se deram na plantação de algodão, onde os lotes foram divididos em pequenas propriedades e os colonos plantariam o algodão e a companhia, ao mesmo tempo em que atingia seu objetivo primário, recuperaria com lucros o capital empatado.

Nos três anos seguidos a Companhia se preocupou com a infraestrutura onde se construiu a estrada de ferro para escoamento da produção. Essa ferrovia foi feita pela Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que era associada à Companhia de Terras Norte do Paraná. A construção se deu partindo do ramal Ourinhos-Cambará, já construído e estendeu-se até as zonas de loteamento, às margens do lado esquerdo do rio Tibagi. (C.M.N.P., 1975)

Em 1928 cessaram as atividades da Companhia com o algodão, devido aos fracassos nas plantações dos fazendeiros em São Paulo. A diretoria da empresa passou a concentrar os seus esforços, a partir de então na colonização das terras adquiridas na margem esquerda do rio Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí.

O plano de ação desenvolvido pela Companhia de Terras Norte do Paraná concentrou-se em três atividades principais: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (1975, p. 78):

- 1- COLONIZAÇÃO, incluindo o planejamento loteamento e a venda de terras;
- 2- CONSTRUÇÃO DE ESTRADAS, essenciais ao escoamento de produção, ligando vários núcleos de povoamento entre si e com os principais centros do país;
- 3- IMPLANTAÇÃO DE NÚCLEOS URBANOS, destinados a concentrar as atividades econômicas e sociais e servir como irradiadores de todas as obras colonizadas.

Com a deflagração da segunda Guerra Mundial, em 1939, a Inglaterra foi obrigada a dispor de muitos de seus bens no exterior, a imprensa de Londres publicou uma lista de empresas oferecidas à venda em todo o mundo. Nessa lista publicada pela imprensa de Londres em 1942, estava posta à venda a Companhia de Terras Norte do Paraná. (ANDRADE, 1979)

A Figura 1 apresenta toda área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, incluindo as microrregiões de Londrina Maringá, Apucarana, Cianorte e Umuarama

Figura 1 - Área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, incluindo as microrregiões de Londrina



Fonte: Adaptado do IBGE, 2010

Esta empresa, Companhia de Terras Norte do Paraná, foi adquirida por empresários paulistas e o Governo Federal concordou com a transação, mas sob as condições de que a estrada de ferro, que já se estendia até Apucarana, lhe fosse entregue por 88.000.000 (oitenta e oito contos de réis). Em 1950 assume o cargo de Diretor o Dr. Hermann Moares de Barros, sob sua supervisão realizou-se a compra da Gleba Umuarama, com cerca de 30 mil alqueires, que permitia ampliar suas atividades colonizadoras. (DIAS, 1999)

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná diversificou-se em outras atividades, com por exemplo; pesquisou calcário em Itapeva-SP, construiu a usina hidroelétrica do Apucarantina, adquiriu a usina de açúcar em Jacarezinho, etc.

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná possibilitou o crescimento da região. Esta pretendia através da colonização, a exploração das terras no cultivo de algodão para atender a demanda do mercado externo e a seguir com o café que se

tornou a principal atividade da região e, do Brasil, durante décadas. (CHIES e YOKOO, 2012)

Segundo Guimarães (1977) a economia cafeeira deu o crescimento ao Norte do Paraná e a Companhia Melhoramentos o tornou integral e competitivo no mercado nacional. Aqui não ocorreu o atraso que se verificou em outras áreas do Brasil; a colonização e a exploração da terra foram feitas por meio de pequenas e médias propriedades, o que não ocorreu no Norte e Nordeste do Brasil, onde a exploração das terras deu-se por meio do latifúndio. Talvez pela própria necessidade de capital, não houve interesse no Nordeste, pela exploração de pequenas e médias propriedades.

Para Guimarães (1977) o sistema latifundiário no Nordeste permanece até hoje e controla a política agrícola.

O sistema latifundiário mantém até nossos dias, com a máxima firmeza, o controle de nossa economia agrária. Os instrumentos básicos usados pelo sistema são: i) O domínio de mais da metade do nosso território; ii) O domínio de mais da metade das divisas obtidas no comércio internacional por nosso país. Isso leva a classe latifundiária a absorver e controlar a renda gerada no setor agrário. Recebe muito mais da metade do crédito agrícola e controla de fato a política de crédito agrícola. Devido a esses fatores, a agricultura brasileira apesar de ter dado alguns passos à frente nos métodos, processo e relações do tipo capitalistas, permanece em situação de espantoso atraso. (Guimarães, 1977, p. 202)

A intensão da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná estava voltada para o sistema capitalista. Na verdade, no Norte do Paraná não ocorreu nenhum milagre econômico. Verificou-se no Norte do Paraná uma eficiência política e altamente capitalista em relação com a terra. O processo de ocupação e colonização da região, na base de pequenas e médias propriedades, criou um autêntico modelo econômico agrícola que precisa ser seguido por outras regiões do Brasil. (DUQUE, 1975)

A Companhia não estava interessada em grandes latifúndios, pois era muito oneroso a estrutura para o plantio do café. Era preciso que a colonização se desse através de pequenos lotes e que os próprios proprietários tivessem condições de pagar. A área rural era dividida em lotes que variavam de cinco (5) a trinta (30) alqueires e o prazo de pagamento era de até quatro (04) anos com juros de 8 % a.a., no total a Companhia Melhoramento Norte do Paraná colonizou uma área de 456.078 alqueires ou 1.321.499 hectares. (SIQUIERI, 1985)

No Norte do Paraná as propriedades subdividiram-se conforme as tendências da produção agropecuária local, e o preço da terra, tendo em vista também as posses e preferências dos compradores.

A divisão de terras realizada pela Companhia, não correspondia rigorosamente à estrutura agrária que na verdade implantou. No entanto, o regime de pequenas e médias propriedades não chegaram a ser alterados (sic). (LUIZ; OMURA, 1976, p. 796)

Nas palavras de Andrade (1979) a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná implantou a verdadeira reforma agrária.

Para que se possa aquilatar a magnitude da verdadeira reforma agrária idealiza e implantada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que visou acima de tudo a valorização da criatura humana. (ANDRADE, 1979, p. 28)

O papel da Companhia não foi tão idílico assim como mostrou Andrade (1979) o seu objetivo, contudo, foi a exploração total das terras sob a forma de pequenas e médias propriedades, e essa exploração foi totalmente de cunho capitalista e não a valorização da criatura humana.

Todo processo de colonização, até então estudado e analisado no Brasil, encontra-se com uma série de questões e pontos negativos a serem avaliados, tanto sociais, econômicos e ambientais. E o processo de colonização do Norte do Paraná não foi diferente, houve conflitos entre nativos e “capangas”, jagunços das empresas colonizadoras, grilagem de terras, exploração do trabalho e lucros com a venda das terras pelas companhias colonizadoras. (SODERO, 1982)

Na visão da Chies e Yokoo (2012), o processo de colonização do Norte do Paraná não respeitou a legislação ambiental, houve dizimação da floresta, a prática de queimadas prejudicando, sobretudo, o solo, a contaminação da água e do solo pelo uso de agrotóxicos.

Na seção seguinte será feita a análise da ocupação territorial do Norte do Paraná, verificando o rápido crescimento populacional e o predomínio da população rural sobre a urbana.

3 A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO NORTE DO PARANÁ

A colonização do Paraná, de modo geral, esteve ligada a cultura cafeeira e a colonização de uma parte do norte se deu devido a interesses ingleses que tinham a intenção de cultivar as terras para plantação de algodão para suprir a necessidades da indústria têxtil inglesa. (LUZ, 1988)

Essa ocupação deu-se também pela vinda de pessoas de várias regiões do país, inclusive do exterior; tendo como atração a terra fértil e a propaganda da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que vendia lotes aos imigrantes. Para poderem pagar as prestações dos lotes adquiridos, os imigrantes trabalharam muito, com longas jornadas de trabalho, para produzirem excedentes que eram comercializados na zona urbana. Excedentes, como por exemplo, o arroz, feijão, mandioca e outros. (LUZ, 1980, 1988)

A obra colonizadora da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná contribuiu para a expansão agrícola e povoamento do Norte Novo do Paraná. Em virtude da exploração agrícola da terra roxa e do plano da colonizadora em dotar a região de uma infraestrutura de transportes e fundar núcleos urbanos, muitos agricultores foram atraídos para lá e em pouco tempo a região norte foi povoada. (LUIZ; OMURA, 1976)

O plano colonizador foi projetado visando à produção de café no norte paranaense, a cultura do café exige, além de solo fértil, um clima propício. Mas a questão climática não foi a causa para que os cafezais não continuassem se expandindo pelo território paranaense, já que as vantagens econômicas eram muito grandes. (SIQUIERI, 1985)

Dentre os principais fatores responsáveis pelo sucesso da cafeicultura no Estado e pela rápida ocupação do norte paranaense (Tabela 01), pode-se destacar: i) a qualidade da terra; ii) a política econômica governamental; iii) o escoamento da produção pelas ferrovias que chegavam ao estado; iv) a evolução da cafeicultura paulista; v) o surto de industrialização de São Paulo a partir da década de 1930; por fim, vi) a facilidade para a aquisição de terras no Paraná. (PADIS, 1981, p. 84-85)

Pode-se observar na Tabela nº 01, a evolução da população do Norte do Paraná entre 1920 e 1960, como foi acelerada com a expansão agrícola.

Tabela 01 - Evolução da População do Norte do Paraná em comparação com a população total do estado, (1920/1960)

Ano	População (Hab)		B/A
	Estado Paraná	Norte do Paraná	(%)
	(A)	(B)	
1920	685.711	83.073	12,11
1940	1.236.276	340.449	27,54
1950	2.115.547	941.339	44,5
1960	4.277.763	2.107.883	49,27

FONTE: Censo Demográfico do Estado do Paraná, 1920-1960, IBGE.

Observa-se na Tabela 01 um considerável aumento da população, ocorrido com a colonização. Em 1920 a região tinha 83.073 habitantes, correspondente a 12,11% da população do Estado. Em 1940 em virtude do grande avanço das frentes agrícolas pioneiras, a região atingiu 340.449 habitantes, o que significa 27,54% do total do Estado. Na década seguinte a população da região alcançou quase um milhão de pessoas, representando 44,5% da população do Paraná. Em 1960 a Região Norte do Paraná contava com mais de 2 milhões de habitantes, representando quase 50% da população do Estado.

Como já foi dito, a colonização Norte do Paraná deu-se através da vinda de pessoas de várias regiões do Brasil, tais como: São Paulo e Minas Gerais, e do exterior, dando início ao cultivo do café nas terras paranaenses. Quanto ao povoamento da área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, ele foi rápido e contínuo, resultando parte da atividade empresarial desenvolvida. (OSÓRIO, 1978)

A Tabela 02 apresenta a evolução da população urbana e rural da área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Em 1940 a área colonizada tinha 75.296 mil habitantes, deste total, 25% correspondia à população urbana e 74,6% à rural. Em 1950 a população aumentou para 373.774 mil habitantes que correspondia 27,3%, da população urbana e 72,7% da rural. Em 1960 a área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, passou para 881.306 mil habitantes, sendo 272.394 na zona urbana (30,9%) e 608.912 (69,1%) na zona rural.

Tabela 02. População Urbana e Rural da Área Colonizada pela C.M.N.P.

Ano	População Residente					
	Urbana		Rural		Total	
	Nº hab.	%	Nº hab.	%	Nº hab.	%
1940	19.100	25,4	56.196	74,6	75.296	100
1950	101.811	27,3	271.963	72,7	373.774	100
1960	272.394	30,9	608.912	69,1	881.306	100

FONTE: Censo Demográfico do Estado do Paraná, 1940, 1950 e 1960, IBGE.

Pode-se observar, conforme análise da Tabela 02 a predominância da população rural, tendo em vista, o processo de expansão agrícola que então se verificava na região.

A Tabela 03 apresenta a taxa de crescimento populacional da área colonizada pela Companhia de Melhoramento do Norte do Paraná e do Estado do Paraná.

Tabela 03. Evolução da Taxa de Crescimento da População da Área da C.M.N.P. e do estado do Paraná

Ano	População Total	(%) Taxa de crescimento	(%) Taxa crescimento do Estado
1940	75.296	100	6,1
1950	273.774	396,4	17,7
1960	881.306	1.277,90	20,6

FONTE: Censo Demográfico do Estado do Paraná, 1940, 1950 e 1960, IBGE.

A Tabela 03 revela que a população da área referida teve no período de 1940/50 um aumento de 396,4%. Entre 1950/60 esse aumento foi de 1.277,9%. A participação total do Estado evoluiu de 6,1% em 1940 para 17,7% em 1950, 20,6% em 1960, evidenciando um ritmo demográfico superior ao Estado.

Entre as décadas de 1940 e 1960 a área colonizada pela Companhia apresentou um elevado crescimento demográfico. Nos anos seguintes, esse aumento alcançou o mesmo índice (MORO, 1980).

A seguir serão apresentadas as principais transformações econômicas do Norte do Paraná, liderada pelo cultivo do café.

4 AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS DO NORTE DO PARANÁ

A característica da ocupação territorial e as atividades econômicas no Brasil se deram por meio de ciclos, e a ocupação e cultivo por ciclos no Paraná não foi diferente do restante do país, teve aqui, o ciclo do ouro, da erva-mate, da madeira e o ciclo do café. Nesta seção será dando ênfase ao ciclo do café. (LUZ, 1988)

A cultura do café esteve ligada tanto ao mercado interno como ao externo, a economia paranaense, nesse período (1940/1960), desenvolveu-se em função de estímulos nacionais e internacionais, pela elevada demanda deste produto no mercado mundial. (PADIS, 1981)

Analisando a economia paranaense, verificou-se que existem algumas características peculiares dentro do sistema econômico brasileiro. Assim verificou Padis (1981) quando diz que a economia do Estado teve o objetivo de sustentar e estabelecer o grupo que ocupava determinada área voltada para as culturas de subsistência, mas também, outro grupo se organizou, o chamado setor agroexportador, capitalizado, organizado e atrelado ao Estado brasileiro. Este setor foi predominante na economia paranaense e sempre esteve voltado para a produção cafeeira, para abastecer o mercado externo.

Dois fatores caracterizam o Norte do Paraná: i) o ciclo do café; ii) e o processo de ocupação territorial, já analisando anteriormente. Em virtude da expansão da cafeicultura, essas terras, desde o século XIX, já chamavam a atenção de plantadores de café paulistas e mineiros como favoráveis ao cultivo. (GRAZIANO SILVA, 1980)

O Norte do Paraná é definido pelos rios Itararé, Paranapanema, Paraná, Ivaí e Piquiri, com uma superfície de 100 mil km² foi dividido em três áreas: i) norte velho, que se estende do rio Itararé até a margem direita do rio Tibagi; ii) norte novo, que vai até as barrancas do rio Ivaí e tem como limite, a oeste, a linha traçada entre as cidades de Terra Rica e Terra Boa; iii) norte novíssimo, que se desdobra dessa linha até o curso do rio Paraná, ultrapassando o rio Ivaí e abarcando toda a margem direita do Piquiri. (DIAS e GONÇALVES, 1999)

Ressalta-se que a principal cultura no Norte do Paraná, como já dito, foi o café, está foi a continuação da marcha para o Oeste dos paulistas, sempre nas perspectivas de lucros, adentraram o Paraná quando suas terras já estavam cansadas ou escassas. (LUZ, 1980; CANCIAN, 1981)

Nas palavras de Cancian (1981) a expansão da produção cafeeira paranaense foi possível, não só em função dos preços favoráveis, mas pela conjugação de vários fatores; como já mencionados anteriormente; política econômica governamental, terra fértil, facilidade de aquisição de terras, clima adequado e o escoamento da produção por meio das ferrovias que chegaram ao Estado, não se deve deixar de mencionar a participação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que propiciou incentivos para a cultura do café.

A expansão do café se fez em dois sentidos: de São Paulo para o Paraná, e “no interior do próprio Norte do Paraná, das terras mais antigas do norte pioneiro às frentes pioneiras do pós-guerra, no Norte Novo e Novíssimo.” (CANCIAN, 1981. p. 288)

Segundo as informações do DAC (Departamento de Assistência à Cafeicultura), a primeira grande safra deu-se em 1958, aumentando ano a ano, mantendo-se a produção em níveis elevados até o programa de erradicação dirigido pelo GERCA (Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura) que, contudo, afetou-a de modo menos intenso que nas outras áreas. (IPARDES, 1978; 1985)

A crise do café no Brasil sempre esteve relacionada com superprodução que ocorreu na fase de expansão cafeeira. Em 1906, ocorreu em Taubaté – SP, um convênio para estabelecer uma política de valorização para recuperar os preços pressionados pela safra da época. (GRAZIANO SILVA, 1980)

Furtado (1972) cita os principais objetivos do acordo de Taubaté:

- a) Restabelecer o equilíbrio entre a oferta e a demanda de café, com a intervenção do Estado na compra dos excedentes;
- b) O financiamento seria com moedas estrangeiras por empréstimos;
- c) Haveria por parte do governo, um desestímulo na expansão cafeeira para solucionar o problema a longo prazo.

A produção, entretanto, cresceu demasiada e ocorreram as primeiras crises, onde foi preciso a intervenção do governo para amparar a lavoura e o crescimento da produção continuava. O Governo dirigiu uma política que sustentou uma situação falsa, onde incentivava a intensificação sempre maior das plantações de café até o choque de 1929 e 1930.

Na década de 40, antes da euforia do café do Norte do Paraná, a maior parte das terras cultivadas mantinha-se ocupada pelas lavouras temporárias seguidas pelo café e pastagens em último plano. A maioria se constituía de pequenos e médios

sítios, que intensificaram as plantações de café, logo que os preços começaram a se elevar. Em 1950 caminhava-se aceleradamente para a monocultura do café, onde as lavouras temporárias eram intercalares ou mantidas como de subsistência, à espera da produção dos cafezais recém plantados. (FURTADO, 1972)

Para Delfim Neto (1959), a cafeicultura paranaense atingiu no pós-guerra e principalmente na década de 50 a sua maior fase de expansão. Na década de 1960, a produção cafeeira do Estado do Paraná ultrapassou a paulista, a expansão foi tão rápida e intensa que já no início dos anos 60 havia ameaça de nova superprodução brasileira,

As terras do norte novo e a seguir as do norte novíssimo se esgotaram durante os anos 50, devido à presença do arenito caiuí na região de Umuarama e Paranavaí. Nessa época o norte novíssimo assumiu temporariamente a liderança da produção de café, houve uma super safra que resultou na queda de preço, constituindo assim, em novo desestímulo. (CANCIAN, 1981)

O aumento do ritmo de ocupação do Norte do Paraná após a segunda Guerra Mundial, coincidindo com a valorização de preços, que ocorreu após a geada de 1942 e o bom comportamento da demanda que estava crescendo, fez com que a safra de 2.318 mil sacas na temporada 1940-50, que correspondia a 14,2% da produção nacional, passasse para 4.026 mil sacas no ano seguinte, equivalendo a 24% da produção nacional. (IBGE, 1960)

O Mercado cafeeiro paranaense já ganhava destaque na produção brasileira. O aumento da inflação mais a violenta instabilidade do mercado, fez com que os cafeicultores paulistas de algumas áreas abandonassem a atividade, reduzindo a participação do seu Estado na produção nacional, com isso, ampliava-se o parque cafeeiro no Paraná. (CHIES e YOKOO, 2012)

Em 1955-56 o Paraná já produzia 6.036 mil sacas, 28,6% do total da produção nacional, enquanto que São Paulo, 9.268 mil sacas, ou 42%. Apesar dos grandes estragos causados pela geada de 1955, a participação paranaense na safra brasileira continuou aumentando até chegar ao recorde de 18.032 mil sacas em 1959-60 que correspondia a 62,8% do total da produção nacional. (IPARDES; 1979, 1983)

Até 1950 quem liderava a produção do café era o Norte Pioneiro (Venceslau Braz-Jacarezinho), mas desde 1940 este vinha apresentando declínio da cultura, não conseguindo acompanhar o dinamismo de outras regiões. Tudo indica que a

causa da queda na produção, foi a pouca disponibilidade de terras próprias para os cafeeiros e o deslocamento para Norte Novo (Londrina, Maringá e Apucarana) de alguns cafeicultores. (LUZ, 1980, 1988)

O Norte Novo, ainda com a cafeicultura incipiente, já ganhava espaço na produção desde 1940, atingindo o seu apogeu na década de 1960.

Assim diz Cancian: “Sob a nova fase de preços ascendentes, o Paraná tomou grande impulso na década de 50, atingindo na década de 60 sua fase mais dinâmica, ultrapassando inclusive a produção paulista.” (1981, p. 92)

Na década de 50, surgiu com a grande participação de café, do Norte Novíssimo (Paranavaí e Umuarama), que atingiu sua alta produção, na década de 60. O centro dinâmico da produção no Paraná deslocou-se por duas vezes, em períodos considerados curtos. Em 1951, quando o norte novo superou o norte pioneiro, onze anos depois, quando o Norte Novíssimo ultrapassou o Norte Novo (DIAS, 1999). O que se pode dizer sobre esse deslocamento é que em algumas regiões a terra foi propícia ao café e ao próprio esgotamento que se verificava em algumas áreas.

A superprodução de café na década de 1960, juntamente com a geada de 1963, foram causas de declínio da cafeicultura no norte do Paraná. Na época teve por parte do governo programa de racionalização agrícola. O governo pagava para arrancar pés de café e financiava outras lavouras temporárias e pastagens, com isso o café veio perdendo espaço para outras culturas, como é o caso da soja e do trigo. (IPARDES, 1985)

Essas foram as principais transformações econômicas ocorridas no norte paranaense no período em análise. Cabe destacar o papel fundamental da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, bem como a atividade cafeeira que possibilitou uma rápida expansão populacional na região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo analisar o processo de ocupação da fronteira agrícola no Norte do Paraná pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (C.M.N.P.) durante as décadas de 1940 e 1960. Tiveram como área de estudo as Microrregiões de Londrina, Maringá, Apucarana, Cianorte e Umuarama.

A região Norte do Paraná teve sua ocupação e seu povoamento desenvolvidos nas décadas de 40 e 60, sob condições favoráveis à lavoura cafeeira. O seu desbravamento se efetuou sob o impulso da expansão agrícola que, avançando para Oeste, incorporou à economia nacional as terras férteis do norte paranaense, notabilizados pela presença da “terra roxa”.

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná teve um papel fundamental no processo de ocupação da referida região, no entanto esta sempre esteve voltada para o sistema capitalista. Não ocorreu nenhum milagre econômico e sim uma eficiente política altamente capitalista em relação à terra. Outra característica da colonização da região foi pautada em pequenas e médias propriedades criando-se, assim, um novo modelo econômico agrícola.

Importante salientar que a Companhia não estava interessada em grandes latifúndios, e sim em pequenos lotes e que os próprios proprietários tivessem condições de pagar. Em média os lotes variavam de cinco (5) a trinta (30) alqueires e o prazo de pagamento era de até quatro (04) anos com juros de 8 % a.a.

Em relação ao processo de ocupação territorial verificou-se um considerável aumento da população entre 1920 e 1960. Em 1920 a região tinha 83.073 habitantes, correspondente a 12,11% da população do Estado. Em 1940 em virtude do grande avanço das frentes agrícolas pioneiras, a região atingiu 340.449 habitantes, o que significa 27.54% do total do Estado. Na década seguinte a população da região alcançou quase um milhão de pessoas, representando 44,5% da população do Paraná. Em 1960 a Região Norte do Paraná contava com mais de 2 milhões de habitantes, representando quase 50% da população do Estado. Outra característica dessa ocupação foi o predomínio da população rural sobre a urbana.

As migrações internas verificadas no Norte do Paraná relacionam-se ao processo migratório geral do país, que se desenvolveu a partir da década de 30. Essas migrações ocorridas tiveram muitas semelhanças com as verificadas em outras regiões o Brasil.

Analisando a taxa de crescimento, a população do Norte do Paraná teve no período de 1940 a 1950 um aumento de 396,4%. Entre 1950 e 1960 esse aumento foi de 1.277,9%. Enquanto a taxa de crescimento populacional do Estado foi de 6,1% em 1940; 17,7% em 1950 e 20,6% em 1960. Evidencia-se, assim, que o ritmo de crescimento populacional no Norte do Paraná foi maior que o do Estado.

As transformações econômicas ocorrida com o cultivo do café foram determinantes para a efetiva ocupação territorial do Norte do Paraná. O aumento do ritmo de ocupação da região após a segunda Guerra Mundial coincidiu com a valorização do preço do café e o bom comportamento da produção, no período de 1940 a 1950, chegou a corresponder a 24% da produção nacional de café.

O Mercado cafeeiro paranaense já ganhava destaque na produção brasileira. Vindo para cá os cafeicultores dos estados de Minas Gerais e de São Paulo, ampliando, assim, o parque cafeeiro no Paraná.

A superprodução de café na década de 1960 juntamente com a geada de 1963, foram causas de declínio da cafeicultura no Norte do Paraná. Mesmo contando com o apoio do Governo com o programa de racionalização agrícola. O governo pagava para arrancar pés de café e financiava outras lavouras temporárias e pastagens, com isso o café perdeu espaço para outras culturas, como é o caso da soja e do trigo.

A partir dos anos 1960, ocorreram transformações no sistema produtivo; estas alteraram a forma de utilização da terra, provocando o esvaziamento populacional do campo, o crescimento da população residente na zona urbana e o aumento da população economicamente ativa ocupada nos setores secundário e terciário. A economia da região se diversificou e outras transformações ocorreram na região como a substituição de lavouras permanentes, pelas lavouras temporárias, bem como à mecanização da agricultura, à concentração da propriedade e as alterações nas relações de trabalho.

Fica como sugestão para futuras pesquisas, analisar a transição e a substituição do cultivo do café pelas culturas temporárias, como a soja, o trigo e o milho, e o processo de agro industrialização que se verificou no Paraná a partir da década de 1970.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Arthur. **Maringá, Ontem, Hoje e Amanhã**. Curitiba, PR: Grafipar, 1979.
- BARBOSA, Y. M. **As políticas territoriais e a criação do Estado do Tocantins**. 1998. 180f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel; Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.

CAMARGO, José Francisco de. **Êxodo Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura Paranaense 1900/1970**. Curitiba, PR: Grafipar, 1981.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ (C.M.N.P). **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. São Paulo: EDANES, 1975.

CHIES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do Norte Paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Revista GEOMAE – Geografia, Meio Ambiente e Ensino**. V. 03, N. 01, 1º sem/2012.

CRESTANI, Leandro de Araújo. Nas fronteiras do Oeste do Paraná: Conflitos Agrários e Mercado de Terras (1843/1960). Saarbrücken. **Novas Edições Acadêmicas**, 2013.

DIAS, Reginaldo Benedito e GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs). **Maringá e o Norte do Paraná** (Estudos de história regional). Maringá, PR: EDUEM, 1999.

DELFIN NETTO, Antônio. **O Problema do Café no Brasil**. São Paulo. Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1959.

DUQUE, Hélio. Tese Apresentada no **IV Encontro Agropecuário do Nordeste**, realizado de 22-25/set. 1975. Salvador - BA.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá-PR: Editora MB (Memória Brasileira), 1996.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1969.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro Séculos de Latifúndios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GRAHAM, DOUGLAS H. e HOLLANDA FILHO, Sérgio Buarque de. **Migrações Internas no Brasil: 1872-1970**. São Paulo: IPE-USP/CNPQ, 1984.

GRAZIANO SILVA, José. **Estrutura Agrária: Produção e Subsistência Agricultura**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1980.

_____. **A Modernização Dolorosa**. São Paulo: Zahar, 1982.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói, RJ: EDUFF, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFICA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico – 1960**. Paraná 1940 e 1960. Rio de Janeiro, 1970.

_____. **Censo Agrícola. 1960 – 1980**. Paraná. Rio de Janeiro, 1970.

INSTITUTO PARANAENSE DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Contribuição ao Estado do Critério Rural no Paraná**. Curitiba, 1978.

_____. **Formação de Capital na Agricultura Paranaense**. Curitiba, 1979.

_____. **As Migrações e a Transformação da Estrutura Produtiva e Fundiária no Paraná**. Curitiba, 1983.

_____. **Nova Configuração Espacial do Paraná.** Curitiba, 1983.

_____. **Consequências Sociais das Transformações Tecnológicas na Agricultura do Paraná.** Curitiba, 1985.

LUZ, France. **O Fenômeno Urbano numa zona pioneira:** Maringá. São Paulo, FFLCH - USP, 1980. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **As Migrações Internas no Contexto do Capitalismo no Brasil: A microrregião Norte Novo de Maringá-1950/1980.** São Paulo, FFLCH - USP, 1988. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 1988.

MARTINS, José da Souza. **Expropriação e Violência.** São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 2009.

MORO, Dalton. **Substituição de Culturas e Transformações na Organização do Espaço Rural do Município de Maringá.** São Paulo, USP, 1980 (Dissertação de Mestrado). São Paulo, 1980.

OSÓRIO, C. Migrações Recentes e Desigualdades. I Encontro Nacional da Associação de Estudos Populacionais (**ABEP**), Campos do Jordão, SP, 1978.

PADIS, Pedro Calil, **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: Hucitec, 1981.

SINGER, Paulo. Migrações Internas: Considerações Teóricas Sobre o seu Estudo, In: **Economia Política da Urbanização.** São Paulo: Brasilense, 1973.

SIQUIERI, Cleonice Aparecida. **A Realidade e Perspectiva do Bóia-Fria numa região Canavieira do Norte do Paraná (Água Boa).** Maringá, UEM. (Monografia). Maringá, 1985.

SODERO, Fernando Pereira. **O Estatuto da Terra.** Brasília, DF: Fundação Petrônio Portela, 1982.

SPOSITO, E.S. **Contribuição à metodologia de ensino do pensamento geográfico.** Presidente Prudente: FCT/UNESP, 2000 (Tese de Livre Docência)

SPOSITO, E. S., Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D., SPOSITO, E. S. & SAQUET, M. A. (Orgs.) **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens,** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

VERRI, Ênio José. **O desenvolvimento recente da indústria paranaense.** (Dissertação de Mestrado), Maringá, UEM. Programa de Mestrado em Economia da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1998.

Artigo recebido em: Abril/2016

Aceito em: Junho/2016